

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ester Santana da Conceição Cordeiro

**CADERNETA DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: REGISTRO DE UM
TEMPO (ALTO MARANHÃO/CONGONHAS/MG)**

Belo Horizonte

2012

Ester Santana da Conceição Cordeiro

**CADERNETA DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: REGISTRO DE UM
TEMPO (ALTO MARANHÃO/CONGONHAS/MG)**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Orientadora: Prof^a. Luana Carla Martins Campos

Belo Horizonte

2012

Ficha Catalográfica

--

Ester Santana da Conceição Cordeiro

**CADERNETA DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: REGISTRO DE UM
TEMPO (ALTO MARANHÃO/CONGONHAS/MG)**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Luana Carla Martins Campos – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Luiza Grossi Araujo – Instituto de Geociências da UFMG

RESUMO

Vale a pena recordar a terra e a tradição, isso faz parte de nossa vida. O trabalho aqui realizado apresenta a Festa de Nossa Senhora da Ajuda, na localidade de Alto Maranhão em Congonhas/MG, não apenas como uma expressão folclórica de tradição religiosa e sim como uma expressão de fé herdada por nossos antepassados. Este texto empreende um percurso de olhar sobre uma experiência de pesquisa, registro e difusão do patrimônio representado pela memória de pessoas idosas e jovens, relacionados à Festa da padroeira de Nossa Senhora da Ajuda que acontece todo dia 15 de agosto, onde devotos movidos pela fé ou em busca de milagres há vários anos se deslocam de grandes distâncias para homenageá-la. O produto final se trata de uma Caderneta de Memórias e Histórias, cuja produção se baseou em diversas fontes, como fotografias, mapas, poemas entrevistas e imagens atuais da localidade mencionada.

Palavras-Chave: Festa, Memória, História Oral, Religiosidade.

SUMÁRIO

1. MEMORIAL DE PERCURSO.....	07
2. PROJETO DE TRABALHO.....	15
2.1. Apresentação do Tema.....	15
2.2. Problemas de Pesquisa.....	15
2.3. Objetivos.....	15
2.4. Revisão Teórico-Conceitual e Justificativa.....	16
3. PRODUTO PEDAGÓGICO.....	23
3.1 Descrições do Produto Pedagógico.....	23
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS.....	26
5. ANEXOS.....	28

1. MEMORIAL DE PERCURSO

Por este memorial, eu, Ester Santana da Conceição Cordeiro, professora da Rede Municipal de Ensino da cidade de Congonhas, casada, residente neste município, descrevo e registro a minha trajetória de estudos e experiências profissionais, incluindo os cursos de aperfeiçoamentos e programas de atualização até o momento realizados, com preendendo a pós-graduação em Educação Ambiental e Patrimonial pelo LASEB, curso de Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica, ofertado, pela UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais.

Na minha infância, sempre ouvia minha mãe comentar: "Minhas filhas não serão analfabetas como eu, estudarão e terão uma profissão". Meus pais são muito batalhadores. Minha mãe sempre dizia que não importava o que teria que fazer, daria estudo às filhas, nunca desistindo de sua meta. Se hoje eu tenho uma profissão devo a eles. Sou a segunda filha de uma família de cinco irmãs, e éramos pobres. Nem mesmo esse fato os fizeram desistir de suas convicções quanto à formação das filhas. Precocemente ingressei na escola, pois quando minha irmã mais velha entrou na escola, aos sete anos de idade, chorei e pedi tanto para que o mesmo acontecesse comigo, que minha mãe, depois de muito interceder e insistir junto à diretora, conseguiu que eu entrasse na 1ª série com ainda seis anos, já que naquela época não existia o Pré-Escolar. Realizei meus estudos da 1ª à 4ª série do nível fundamental na Escola Estadual Nossa Senhora da Ajuda, em Alto Maranhão.

Esse local, a Escola Estadual Nossa Senhora da Ajuda de Alto Maranhão, traz-me muitas lembranças e é por elas que posso encontrar as formas como quando criança lidamos com o que os adultos tentavam nos ensinar sobre a cultura material escolar que tinham acesso. Assim, a história oral apresenta-se como uma "forma" de encontrar o passado dessa comunidade, tentando alcançar suas práticas, seus fazeres.

Segundo Marli de Oliveira Costa, o trabalho com história oral e memória apresenta várias questões como a "dialética da lembrança e do esquecimento", ou

seja, selecionamos o que guardamos para recordar; os suportes ou as âncoras da memória. O trato com as fontes orais envolve também a interpretação sobre a memória individual e coletiva, e, como incorporamos as nossas lembranças ao que ouvimos contar das experiências dos outros. Assim, o intuito da ACPP foi de fazer uma Caderneta de Memórias e Histórias da Festa de Nossa Senhora da Ajuda, para ser utilizado nas escolas pelas crianças, como também pela comunidade local, com depoimentos e fotografias – documentos que trazem consigo discursos que mostram alguns significados da Festa dentro de um determinado “tempo” e “espaço”.

Para dar continuidade aos estudos, eu tive que sair da vila onde eu morava e por esse motivo, ficou mais difícil continuar os estudos, pois meus pais teriam que pagar passagem para a gente. Entretanto minha mãe não desistiu e trabalhava ainda mais para não ver seu sonho se realizar. Fui estudar na Escola Estadual Lamartine de Freitas em Congonhas, onde terminei o 1º grau. Cursando a 8ª série, via novamente o sonho de me formar ameaçado, pois o 2º Grau só tinha em escolas particulares e não tínhamos condições de pagar pelo serviço. O destino realmente estava a meu favor, pois ficamos sabendo que o governo estadual iria criar na escola onde eu estava estudando o 1º ano do 2º grau, de modo que eu vi novamente as portas se abrirem para mim. Assim, iniciei o curso de Magistério e em 1986 me formei, realizando meu sonho como também de minha mãe.

Após a minha formatura, aos 18 anos de idade, o que realmente eu gostaria era tentar o vestibular, pois sonhava ser médica obstetra; o desenvolvimento no período da gestação me fascinava. Mas como realizar esse meu sonho? Não tinha condições financeiras para isso e como eu poderia concorrer em uma universidade pública, com tantos alunos tão bem preparados? Mas, durante uma palestra a fala de uma psicóloga foi determinante para a minha vida: “Há várias possibilidades de trabalhar com desenvolvimento humano. Depois que o bebê nasce ele continua a se desenvolver... A Psicologia e a Pedagogia também tratam do desenvolvimento humano”. Como não tinha pensado nisso antes? O curso de pedagogia poderia me levar bem perto da profissão que eu gostaria de ter. Novamente me deparei com a questão financeira, pois na região só tinha faculdade particular e eu precisava

trabalhar e ajudar meus pais.

No ano seguinte tive a oportunidade de iniciar minha carreira profissional, na mesma escola onde comecei meus estudos, ou seja, na Escola Estadual Nossa Senhora da Ajuda da Rede Estadual de Ensino, onde atuei por três anos, como professora de Ensino Religioso e Educação Física. Como eu estava lecionando na cidade onde moravam os alunos, os quais se tratavam de amigos e pessoas mais velhas que eu, e que por falta de recursos e oportunidades tinham parado de estudar, eles viram uma chance de retomar seus estudos com a criação da 5ª à 8ª série naquela escola. Foi um pouco complicado, mas com determinação e esforço, procurando ajuda em livros e principalmente com colegas de trabalho mais experientes, além da participação em projetos e pesquisas, é que consegui utilizar uma metodologia interessante para a minha prática pedagógica, que levava em conta o público que eu queria atingir, melhorando assim meu trabalho em sala de aula.

Em meados de 1989, prestei concurso público para docente em Congonhas, passando assim a ser funcionária efetiva, de forma que fui lecionar na Escola Municipal Doutor Antônio Moreira de Souza e Silva, em Pequeri – bairro pertencente à cidade de Congonhas. Foi um período muito difícil, pois a escola era na zona rural e eu trabalhava de manhã, de modo que tinha que levantar às 5 horas para não chegar atrasada para o início da aula. Eu estava acostumada a trabalhar com pessoas mais velhas e era a minha primeira turma de alunos da 3ª série do 1º grau, e confesso que a realidade a que me vi presente me chocou bastante. Deparei-me com uma turma de 18 alunos, estudantes que mal conseguiam entender o que liam, alguns eram repetentes, outros não queriam nada com os estudos, só estavam ali porque os pais os obrigavam.

Inicialmente, meu foco era somente o livro didático e o domínio da turma, mas percebi que as aulas tornavam-se monótonas, sendo que os alunos não encontravam muito estímulo. Percebi que, para aprimorar meu trabalho, precisava aproximar-me de meus alunos e fui para a escola com uma proposta: sentar na roda, conversar com eles, ouvir suas falas, seu mundo, seus interesses. Esse

aprimoramento deu-se por estudos e leituras sobre os assuntos que surgiam em sala, também através de conversas com profissionais mais experientes, dicas de ex-professoras que me orientaram em algumas dúvidas, principalmente uma colega de trabalho, a Neuza Maria, que me ajudou demais nas dúvidas que iam surgindo.

Depois dessa experiência procurei fazer com que minhas aulas fossem mais atrativas, sempre procurei estar inovando. Trazia noticiários ou reportagens que fizessem ligação com o assunto estudado, sendo, o dia-a-dia fundamental para o sucesso em sala de aula. Com a busca de novos materiais e novas atividades o assunto tornava-se mais interessante e automaticamente a disciplina em sala de aula melhorava.

Vivemos hoje em uma época de globalização, tanto da economia quanto das tecnologias e informações que vêm sendo modificadas constantemente e refletem diretamente na cultura da sociedade. Assim, o professor tem pouco valor neste contexto da sociedade moderna, onde os avanços tecnológicos permitem acesso fácil a uma vasta rede de informações. A educação deve progredir no mesmo ritmo, acompanhando os progressos e trabalhando com o intuito de diminuir as desigualdades que se originam devido aos avanços, visto que há pessoas que ficam desprovidas dessas inovações.

O professor precisa redefinir seu papel e, o encontro consigo mesmo pode ser o caminho. Eu como educadora, mesmo não estando mais na regência, sinto necessidade de me aperfeiçoar, pois trabalho com crianças e preciso auxiliar meus filhos em seus estudos. Assim, resolvi aprimorar meus conhecimentos para que eu pudesse acompanhar todas essas evoluções, pois ser professor é professar a fé e a certeza de que tudo terá valido a pena, é ter em mente que você também aprende enquanto ensina e só aprende e ensina quem tem uma história para contar. Além disso, ressalto que eu sempre almejei deixar meu nome positivamente na história de meus alunos.

Procurando aprimorar minha prática pedagógica desde o início de minha vida profissional, sempre procurei participar de todos os cursos e/ou atividades oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação. Mas eu ainda não havia tido

condições nem oportunidades de fazer um curso de graduação, de modo que a minha prática pedagógica, até este momento, relacionava-se ao curso de Magistério que havia feito em 1988, na Escola Estadual Lamartine de Freitas.

Na Escola Municipal Doutor Antônio Moreira de Souza e Silva, em Pequeri trabalhei até o ano de 1994, quando fui transferida para um escola que era mais perto de minha casa. Fui ser recreacionista, período muito bom, pois amo exercícios físicos.

Mas no ano de 2002, comecei a ter sérios problemas com minha voz, assim tive que me afastar da regência, condição que me deixou muito triste, pois eu gosto muito de lecionar. Em meados daquele ano, fui remanejada para a secretaria da escola que estava trabalhando naquele ano.

No início do ano de 2004, fui transferida para o Pré-Escolar Municipal Pingo de Gente, hoje, com o nome de Centro Municipal de Educação Infantil Pingo de Gente, onde continuei a exercer a função de secretária. Mesmo afastada da regência, não desanimei em me graduar e no segundo semestre de 2004 comecei a minha formação acadêmica com o curso de Graduação em Pedagogia, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Congonhas (FAFIC). O meu interesse pelos temas abordados nas diferentes disciplinas do curso levou-me a participar de vários debates e discussões acerca da profissão docente, o que aprimorou ainda mais a minha prática.

A graduação foi significativa na minha formação, na medida em que me ofereceu subsídios para a ampliação de conhecimentos no campo da educação. Desde o início do curso, fazia de tudo para poder participar do maior número de atividades acadêmicas que tivessem alguma vinculação com o campo que eu pretendia me tornar.

O papel desempenhado pelos professores nas diferentes disciplinas de minha graduação foi fundamental para o meu envolvimento com as questões da didática de ensino. Comecei a ampliar o meu repertório com leituras direcionadas ao fazer pedagógico e, em 2007, consegui concluir minha licenciatura em Pedagogia.

Acredito que a graduação em Pedagogia, no período de 2004 a 2007 na

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Congonhas (FAFIC), foi muito significativa. As experiências que tive durante a minha formação acadêmica e a minha atuação profissional fizeram com que eu vislumbrasse um maior aporte teórico para a condução de uma pesquisa na área educacional, de modo que eu percebi que deveria investir novamente na minha qualificação.

No primeiro semestre de 2008, tive a oportunidade de participar da Pós-Graduação em Gestão Escolar da Fundação Pitágoras, o SGI – Programa Sistema de Gestão Integrado. Durante o curso realizei várias atividades em diferentes instituições procurando direcionar a minha participação em projetos relacionados com a área de trabalho que exercia naquele momento, ou seja, gestora escolar, e orientar atividades compatíveis com a linha de desenvolvimento do plano de ação inerente ao curso.

No período de fevereiro a setembro de 2008, fui convidada para substituir a diretora do Centro Municipal de Educação Infantil Pingo de Gente, que se encontrava em licença para tratamento de saúde. Como gestora, primei pelas ações que contemplassem uma gestão democrática na instituição. O trabalho coletivo e cooperativo era característica da minha gestão. Ao deixar a direção em outubro do corrente ano, voltei a exercer a função de secretária na mesma unidade escolar.

Assim, na multiplicidade de falas, cores, cheiros e sons, carregada de emoções e afetividade, compreendi que mesmo não estando na regência de sala de aula, percebi a dimensão coletiva da minha história e da prática pedagógica da professora que eu me transformei. Continuo minha trajetória. Sou professora porque faço história.

Em 2011 iniciei a pós-graduação em Educação Ambiental e Patrimonial no LASEB, Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica, pela UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, oferecida pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Congonhas. Com esse novo curso, estou tendo a oportunidade de fazer várias descobertas com as disciplinas que estão sendo ministradas. No primeiro momento de estudos e enriquecimento, a ênfase foi dada à especificidade da análise sociológica da

educação, oportunidade em que pode perceber que a Sociologia da Educação traz ao educador a possibilidade de entender as relações que se travam no interior da escola, da comunidade extra-escolar e das políticas públicas que constituem o sistema escolar a partir de sua própria vivência.

O professor é um agente da formação integral dos alunos e, por isso, tendo o domínio das disposições pessoais para corresponder às exigências de seu tempo, pode criar as condições para as mudanças sociais que se fizerem necessárias. Esta é a importante função social do mestre, de contribuição essencial para a formação de futuros cidadãos.

Sabemos que instituições como a escola são criadas para ensinar os indivíduos a cultivar os valores, conhecimentos e atitudes considerados importantes na cultura da qual fazem parte, a fim de preparar esses indivíduos para exercer as funções e comportamentos esperados pela sociedade na qual estão inseridos. Deve ser um espaço de mediação cultural, local onde seja possível o crescimento mútuo de alunos e professores no processo de conscientização.

Portanto, o professor deve ser mediador de uma educação para a vida, uma educação integral desse sujeito que está num mundo de diversidades, de pluralidades, onde a questão dos diferentes diálogos e as diferentes temporalidades que vivemos é de fundamental importância para a construção de um sujeito crítico, um cidadão participativo da sociedade, ou seja, a educação se desloca para uma visão de articulação dos diversos subsistemas culturais.

A partir das diferentes experiências dos alunos, uma situação de aprendizagem deve se pautar pelo conhecimento e pela reflexão das situações e problemas da vida cotidiana que serão conhecidos. O professor é o mediador do processo, ocupando um lugar privilegiado como organizador, coordenador e direcionador dos processos de aprendizagem. Consiste em agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para a assimilação, usando para esse fim metodologias específicas.

Na construção da aprendizagem, cabe a nós educadores considerarmos a bagagem cultural e intelectual que os alunos trazem, concretizando a educação de

cada um. Ajudando-os, ainda, na construção de enredos que revelam pensamentos lógicos sobre mundo, vida e experiências, pois educar é fazer mais do que construir a ponte, é ser toda ela, em solidez e sinceridade, afinal, para o aluno construir novos conhecimentos precisa de alguém que o ajude.

Nosso papel como educadores não se resume apenas à transmissão de conhecimentos e informações,mas sim auxiliar nossos alunos a compreender melhor esse mundo repleto de tantas variáveis, a pensar, mas um pensar crítico, onde os mesmos sejam capazes de encontrar soluções, vencer os desafios, resolver situações-problema enfrentadas por nossa sociedade: é neste sentido que o professor é mediador.

E para que o passado não se perca e retornando na história de minha cidadezinha natal, onde comecei a escrever a minha trajetória pessoal e profissional, tenho hoje, com o curso do LASEB, na linha de Educação Ambiental e Patrimonial, a oportunidade de deixar para os moradores daquela comunidade uma Caderneta de Memórias e Histórias: Registro de um Tempo, com depoimentos de moradores antigos tratando do tema de como era e está a comemoração da Festa de Nossa Senhora da Ajuda no distrito de Alto Maranhão, município de Congonhas, Minas Gerais.

2. PROJETO DE TRABALHO

2.1. Apresentação do Tema

Discussão sobre as memórias e histórias da Festa de Nossa Senhora da Ajuda que acontece no dia 15 de agosto no distrito de Alto Maranhão em Congonhas, de forma a produzir uma narrativa da celebração sob a forma de uma caderneta.

2.2. Problemas de Pesquisa

Com essa pesquisa se ambiciona tentar solucionar a falta de registros e ou documentos sobre a celebração para serem utilizados como fonte de pesquisa pela comunidade local e região. Busca-se também descobrir o significado da religiosidade para a comunidade no passado e no presente e a origem das primeiras manifestações religiosas dessa festa. Não menos importante se trata da análise sobre as mudanças e permanências da celebração, um diálogo entre as práticas de religiosidade local.

2.3. Objetivos

2.3.1. Objetivo Geral

- Registrar relatos, dados e fotos sobre a Festa de Nossa Senhora da Ajuda com moradores, fazendo uso da história oral e de acervos iconográficos.

2.3.2. Objetivos Específicos

- Registrar por meio da história oral o significado de religiosidade para os antigos moradores da comunidade de Alto Maranhão.

- Pesquisar as mudanças e permanências das características dessa festa ao longo dos tempos.

- Produzir, sob a forma de um caderno de memórias, com fotos e depoimentos de moradores, memórias sobre a Festa de Nossa Senhora da Ajuda.

- Resgatar a tradição da visita à Fonte que possui o mesmo nome da padroeira.

- Narrar o processo de fundação do antigo arraial de Redondo, atual distrito de Alto Maranhão.

2.4. Revisão Teórico-Conceitual e Justificativa

Alto Maranhão, o Arraial do Redondo, um dos mais antigos de Minas, surgiu na primeira metade do século XVIII. No censo realizado em 1831, verificou-se a existência de 175 fogos e um total de 1077 habitantes, sendo 779 livres e 298 cativos. Pertencia ao termo de Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete. A lei nº 723 de 30 de setembro de 1918 mudou-lhe a denominação de Redondo para Alto Maranhão. Em 1943, o decreto-lei nº 1058, de 31 de dezembro, transferiu o distrito do município de Conselheiro Lafaiete para o de Congonhas (BARBOSA, 1995: 22).



Fachada e interior da Igreja Nossa Senhora da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas. S./d.
Fonte: <http://www.ferias.tur.br/fotogr/88463/detalhedafachadadaigreja-fotomontanha/altomaranhao/>
e <http://www.ferias.tur.br/fotogr/67258/altardaigrejansdaajuda-fotogeraldosalomao/altomaranhao/>.

A aldeiazinha de Redondo tem uma capela consagrada a Nossa senhora da Ajuda e, melhor ainda, uma bela perspectiva. Depois do primeiro plano, formado pela mata e pelo capim muito verde, cobrindo o solo de um ocre quase roxo, aqui

chamado sangue de boi, vem uma depressão, que se levanta do outro lado, junto do sopé de um elevado rochedo. Essa cadeia, que se estende, com relação à nossa posição, para o leste e o norte, é chamada por alguns de Serra do deus livre, sem dúvida por causa dos perigos de sua travessia. É mais conhecida como Serra do Ouro branco, nome de uma estrada que fica na Estrada Real (Richard Burton, 1976, p.149).

A Igreja Nossa Senhora da Ajuda está localizada no Distrito de Alto Maranhão. A data de sua construção não é precisa, mas algumas indicações apontam para a segunda metade do século XVIII. A sacristia possui um altar com as imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos. Outro atrativo da capela é o chafariz feito em pedra-sabão e a sineira, que fica do lado de fora do prédio. O altar-mor abrigou até poucos anos atrás a imagem histórica de Nossa Senhora da Ajuda, que foi roubada e substituída recentemente por outra imagem da santa sem o mesmo valor histórico. Este tipo de crime ocorre com frequência nas cidades históricas e abala não só o patrimônio histórico e cultural, mas também o coração dos fiéis.

Festas religiosas exprimem a cultura e a tradição dos povos, tanto pelas cerimônias festivas quanto pelos rituais religiosos. Essas celebrações reafirmam laços sociais e raízes que aproximam os homens, movimentam e resgatam lembranças e emoções. Têm características semelhantes mesmo com enfoques diferenciados, como as manifestações do canto, da dança, da música e, principalmente, o espírito de troca e fortificação, tão bem expressos no dito popular “lavar a alma”. As festas populares e religiosas traduzem a cultura popular, a linguagem do povo, tudo que vem dele e de sua alma.

Para a Igreja Católica Apostólica Romana, o dia 15 de agosto insere em sua liturgia a maior festa de Maria Santíssima do ano. Maria é elevada ao céu de “Corpo e Alma”. Podemos afirmar que no contexto brasileiro, neste dia acontecem as maiores manifestações de fé em torno de nossa Mãe.

O dia 15 de agosto é uma das datas dedicadas a Nossa Senhora. Celebra-se

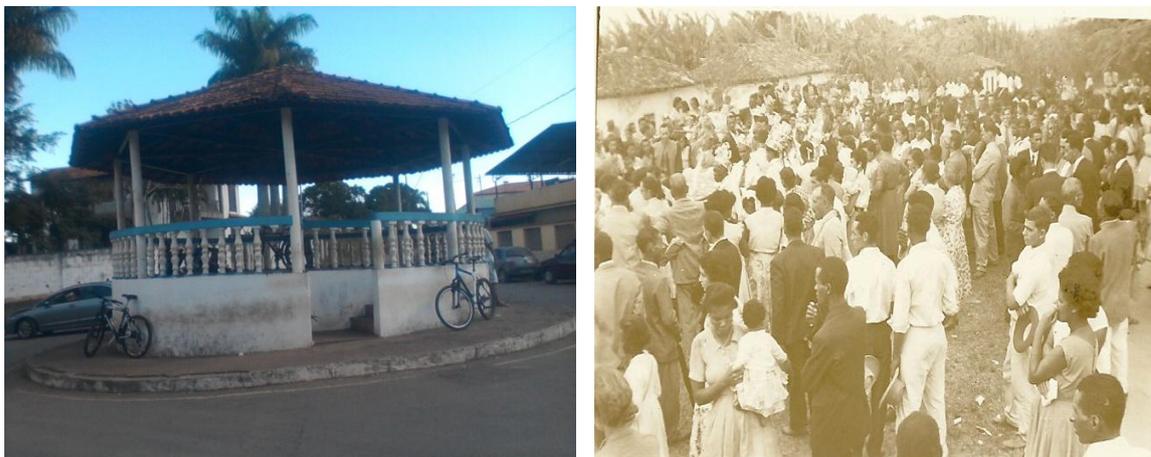
a sua Assunção, que é o dogma católico solenemente instituído pelo papa Pio XII, em 1^o de novembro de 1950, proclamando a elevação em corpo e alma de Maria ao céu. Essa crença é festivamente celebrada na Igreja católica no dia 15 de agosto sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção ou Nossa Senhora da Glória.

Na comunidade de Alto Maranhão existem várias festas religiosas, mas merece destaque a festa da padroeira Nossa Senhora da Ajuda que acontece há séculos. Todos os anos milhares de fiéis participam dos festejos que acontecem no período de 06 a 15 de agosto.

A Festa de Nossa Senhora da Ajuda, no Distrito de Alto Maranhão, é uma tradição religiosa que acontece no dia 15 de agosto desde o século XVIII, recebendo fiéis de várias paróquias da região e do país, que em diversas atividades festivas e religiosas, vão em busca de soluções para seus problemas através da fé, para pedir e agradecer graças alcançadas.

A celebração é marcada pelo sincretismo religioso católico. O ritual de devoção se inicia com a novena preparatória no dia 06 de agosto e atinge o apogeu ao anoitecer do dia 14, às 19h com o término da novena e a celebração da santa missa, queima de fogos, barraquinhas com comidas típicas, dentre outros. No dia 15, dia da festa, às 5h da manhã, acontecia a famosa “Alvorada Festiva”, uma antiga tradição do lugar, cuja finalidade é anunciar a festa, despertando os fiéis, ao amanhecer, com repique de sinos, fogos e a banda de música onde moradores, que compõem a Corporação Musical Nossa Senhora da Ajuda do vilarejo de Alto Maranhão, saiam pelas ruas tocando e encantando todos os habitantes, além de arrastarem consigo muitas pessoas. Essa tradição não existe mais, conforme relato de um dos membros da Corporação Musical do local, o Senhor Rui Rodrigues, que informa que ela foi abolida por motivos que envolvem questões que não precisam ser mencionadas. A partir das 7h são celebradas várias missas festivas e, a santa padroeira é homenageada, como acontece no decorrer de todo o dia. A última missa é de despedida dos romeiros e acontece no final do dia, quando o sol se põe. É muito gratificante presenciar momentos de manifestação de pessoas de diferentes

culturas demonstrando sua fé com orações coletivas e individuais, abrilhantando a festa ao som de ladainhas e músicas.



Coreto e Festa de Nossa Senhora da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas. S./d.
Fonte: Acervo Pessoal Ester Cordeiro e Natalina Tristão.

O nome procissão é originário do latim *processione*, que significa “marchar para frente”. Trata-se de um cortejo religioso realizado em marcha solena normalmente pelas ruas de uma cidade e carregando imagens e entoando rezas ou cânticos. No catolicismo, normalmente acontecem em devoção a um santo (ou santos) ou à Santíssima Trindade, onde se faz transportar as imagens de Jesus Cristo, de Virgem Maria ou de santos pelas ruas da localidade em festa. As procissões podem possuir um significado profundo para o fiéis e simbolizam a caminhada de oração do Povo de Deus, em comunidade, rumo à casa do Pai. Para os participantes, seguir uma procissão é seguir Jesus que também andou em procissão rumo ao calvário onde teria conquistado a salvação de toda a humanidade. Na Bíblia, precisamente no Antigo Testamento, são relatadas diversas procissões.

Esta se trata, pois, de uma celebração constituída de vários rituais de devoção religiosa e expressões culturais, cujo clímax ocorre, há vários anos, às 15 horas do dia 15 de agosto, momento em que a tradicional procissão com a imagem

da santa padroeira, Nossa Senhora da Ajuda percorre as ruas do vilarejo, quando centenas e centenas de pessoas seguem a procissão pelas principais ruas do Arraial. Com cantos e orações alegres, comunidade e romeiros acompanham a imagem do século XVIII. Para os fiéis de Alto Maranhão e região, é o grande momento de demonstração de devoção e solidariedade. Nesse instante vê-se a fé dos fiéis de Nossa senhora da Ajuda. Tanto a imagem original, que permanece na igreja como a que sai em cortejo, representam a Virgem Maria de pé com o Menino Jesus no braço esquerdo, cetro na mão direita e ambos coroados.

Em 2008, o pároco que assumiu a freguesia da localidade, observou que, no percurso do cortejo, alguns episódios não condiziam com aquele momento tão rico de fé e devoção, como as pessoas alcoolizadas, tumultos, som automotivo ligado, trajas indevidos, dentre outros. Após as festividades, ele reuniu a comunidade local e explanou sobre a experiência que vivenciou durante o cortejo, sugerindo que houvesse uma mudança no dia da procissão, transferindo-a para o 1º domingo que antecede a festa. Essa mudança ocorreu, não deixando de repartir, entretanto as opiniões entre os fiéis devotos.

No dia da celebração, o vilarejo pára. O trânsito é interditado, o comércio local fecha. As ruas são ocupadas pelos moradores atentos à passagem da imagem da santa. A festa reúne muitas pessoas na comunidade. De acordo com a memória de moradores antigos, a origem dessa festa se mistura a diversos fatos históricos que relacionam o processo de ocupação e de desenvolvimento de Alto Maranhão.

Sublinha-se que atividades relacionadas à Educação Patrimonial reforçam a idéia de que é preciso difundir o acesso ao (re)conhecimento da comunidade àqueles bens e manifestações que constituem a cultura local, com suas características únicas e peculiares, assim como à conscientização sobre a importância de se manter e preservar aquilo que remonta ao passado histórico do grupo, como sítios e monumentos, obras de arte, objetos, documentos e fazeres relacionados à memória social coletiva. Dessa forma, eleva-se não só o sentimento

de identidade individual e de grupo como também o de cidadania.

Horta (2000) salienta a relação existente entre o nível de afetividade presente nas experiências vivenciadas pelos indivíduos e sua interferência no processo cognitivo dos mesmos:

A maneira como vivenciamos uma experiência em seus aspectos emocionais, afetivos, vai determinar a intensidade ou a dificuldade do registro dos dados experimentados em nossa memória e, muitas vezes, vai dificultar sua recuperação no ato de memorização ou sua relação e conexão com outros dados (HORTA, 2000: 28).

Segundo o professor Luís Reznik, entendemos que o exercício da história local vincula-se a processos de identificação, relacionados a um determinado sistema cultural que enfatiza as relações de vizinhança, contiguidade territorial, proximidade espacial. Essa ética de pertencimento é mais um elemento constitutivo desse sujeito fragmentado, múltiplo e instável. Os elementos citados por Renan valem também para a identidade local: o exercício da memória, o desejo da convivência e a perpetuação de símbolos e imagens. A história local não deve ser projetada como um valor superior para a admiração e valorização da pequena pátria – no estilo “eu me ufano da minha terra” –, mas como a “costura” de um retalho dos processos de identificação do sujeito.

Embora seja uma festa de grande tradição, ou seja, na qual ocorre a transmissão de fatos culturais de um povo, quer sejam de natureza espiritual ou material, não existem fontes detalhadas que se destinam ao registro das memórias e histórias. A caderneta produzida se filia à ideia de registro de viagens e viajantes, um relato sobre a comemoração da padroeira que se desenvolve sob a forma de orações feitas durante os nove dias que antecedem à festa, coroações, banda de música e outras manifestações que são passadas por gerações. Os registros dessa festa existem pela tradição popular, que são preservados pela história oral que acompanha a renovação da pesquisa histórica que vem ocorrendo nas últimas décadas, tornando-se dentro desse contexto um método novo para a investigação

de temas contemporâneos. Cabe lembrar aqui as palavras de Philippe Joutard:

(...) a história oral tem, mais do que nunca, o imperativo de testemunhar, tendo a coragem de permanecer história, diante da memória de testemunhos fragmentados que têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível: é preciso combinar respeito e escuta atenta, de um lado, com procedimentos históricos, não importa quanto isto nos seja penoso (JOUTARD, 2000: 35).

Quando nos referimos à história oral, estamos falando de pesquisas históricas que utilizam uma fonte de caráter memorial produzida, normalmente, pelo pesquisador em diálogo e interação com os entrevistados. É uma fonte que, como qualquer outra, deve ser submetida a um tratamento analítico levando em consideração as suas especificidades.

Diante da limitação de informações oficiais registradas e da existência do acervo memorial dos moradores antigos da comunidade e do orgulho dos mesmos em manter a tradição da festa, esse trabalho se relaciona a uma forma de recuperação do passado com vistas a manter a tradição de fé e religiosidade da comunidade às próximas gerações.

Organizar e registrar fotos, relatos, depoimentos e outros materiais que possam proporcionar à comunidade e interessados a oportunidade de acessar informações sobre os aspectos da história local é imprescindível para que a tradição não seja descaracterizada e se torne mais valorizada. Portanto, a elaboração de um caderno de memórias e histórias, com depoimentos de moradores antigos de como era e como é a comemoração atualmente, é uma forma de interpretação sobre a fé e a devoção a Nossa Senhora da Ajuda no distrito de Alto Maranhão, Congonhas, Minas Gerais.

3. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO PEDAGÓGICO

3.1. Descrições do Produto Pedagógico

A motivação para a execução desta caderneta partiu da intenção da autora deste trabalho em valorizar o local onde nasceu e viveu toda a infância e juventude – a comunidade do Alto Maranhão, um dos distritos de Congonhas. A participação no curso LASEB foi providencial para esta intenção, considerando que praticamente não existem registros oficiais a respeito do local de grande importância cultural para toda a região.

No referido curso os objetivos foram se concretizando, as conversas com a professora Luana, as metodologias sugeridas e as leituras realizadas foram dando corpo a este produto. A Caderneta de Memórias e Histórias trata-se de um produto pedagógico, contendo relatos de pessoas de diferentes idades com experiências vividas nas festividades em louvor à padroeira, apresentado também distintos aspectos da festa na qual se tem arquivado o registro de um tempo, com depoimentos de moradores antigos/jovens e fotos, tratando do tema de como era e como é a comemoração da Festa de Nossa Senhora da Ajuda no distrito de Alto Maranhão, município de Congonhas, Minas Gerais.

Também, contam-se como fontes para a produção do material registros de antigos viajantes que por aqui passaram, cartografias e fotos antigas e atuais das comemorações, tratando do tema de como representou no passado e/ou representa para os moradores daquele lugarejo a festa de Nossa Senhora da Ajuda. O documento possui fatos e fotos que possibilitam melhor interpretação e compreensão para todas as faixas etárias por se tratar de algo real vivenciado há séculos por várias gerações da comunidade de Alto Maranhão.

O produto final se pautou nos depoimentos de sete colaboradores que prestaram informações sobre a festa no passado e resgataram histórias ouvidas de seus antepassados. A Sra. Maria Natalina Pinto Tristão de 70 anos, por exemplo, prestou serviços voluntários na igreja como zeladora e colaboradora nas celebrações e organização da festa, falando sobre as dificuldades da época em

relação às romarias, mas percebia grande manifestação de fé, fazendo relação entre a festa do passado e do presente.

Por sua vez, segundo o Sr. Geraldo Pereira Pinto de 90 anos, grande evangelizador na comunidade, muitas coisas mudaram, antes a organização da festa era feita por festeiros locais e de comunidades vizinhas. A divulgação da festa era feita através da distribuição de cartas e, estas eram devolvidas com esmolas oferecidas pelos devotos, vinham pessoas de várias localidades, pessoas simples para agradecerem as graças alcançadas, vinham a pé, ficavam dias na comunidade, pois não tinham condições de transitarem facilmente. Após a criação do dízimo a divulgação da festa sofreu alterações, hoje é feita através de folhetos com as programações que são distribuídas para os fiéis. Para ele, hoje a religiosidade mudou um pouco, não há mais tanta demonstração de fé e devoção como antigamente. Lembrou a Dança do Langa, tradição da localidade que perpetuou por muitos anos.

O Sr. Rui Rodrigues de Paula de 60 anos relatou que para a organização atual da festa são formadas equipes e distribuídas as tarefas, liturgia, temas para celebração em cada dia da novena, e outros. Como presidente e membro da Sociedade musical Nossa Senhora da Ajuda, de Alto Maranhão relatou sobre como era e como é a participação da banda de música nos festejos da padroeira.

A entrevistada Sra. Benigna Maria da Conceição de 76 anos comentou sobre a vinda dos romeiros que era feita a pé ou a cavalo, permaneciam na comunidade durante os dias dos festejos, devido à dificuldade de transporte, eram pessoas humildes, mas demonstravam muita espiritualidade e devoção à Nossa Senhora. Para ela, a festa era muito boa, atualmente houve mudanças para melhor, mais conforto para os romeiros.

Outra colaboradora, a Sra. Adriana Conceição Santana Fonseca, 44 anos, atual secretária do Conselho Comunitário de Pastoral, participa da organização da festa desde 2008 e informou como são as etapas em preparação à festa, que são várias reuniões com membros das pastorais e voluntários para a distribuição das tarefas. Atualmente, a programação dos festejos é extensa, requer cuidados e

responsabilidade em relação à propagação da fé. São 09 dias de novena em preparação ao grande dia da festa, no período de 06 a 14 de agosto há participação de comunidades vizinhas, que junto com a comunidade local refletem sobre temas que auxiliam melhor compreensão sobre a intercessão de Maria na vida de cada um.

Sra. Maria Aparecida Resende, 50 anos, comentou que participava da caminhada que acontece todos os anos saindo da cidade de Congonhas até o distrito de Alto Maranhão, eram crianças, jovens e adultos. Cada qual com uma promessa para cumprir em agradecimento e ou pedir graças.

Srta. Célia Cristina Pinto, 40 anos, relatou sobre sua religiosidade em relação à festa, na juventude via o evento como um momento de ir e vir entre pessoas para distração, atualmente reconhece que a festa é o momento de espiritualidade e devoção.

A solicitação e realização das entrevistas ocorreram com tranquilidade e os entrevistados sentiram-se honrados em contribuir para a organização de um documento que trará benefícios à geração atual e futura, assegurando a divulgação dessa cultura religiosa, o que possibilitou o dinamismo e a liberdade de expressão dos entrevistados. Foram usadas na confecção da caderneta fotografias antigas do acervo de Maria Natalina Pinto Tristão e atuais de Ester Santana, Adriana Fonseca e Cristina Pinto, sendo selecionadas de acordo com os depoimentos fornecidos, com o intuito de cruzar texto e imagens.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BOURDIN, Alain. *A Questão Local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BURTON, Richard Francis. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1976. (Original de 1868)

Revista do Arquivo Público Mineiro, vol.10, 1904, p.792. (Está em um texto sobre a monografia do Caraça)

GELLNER, Ernest André. *Nations and nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E. & MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: ALBERTI, Verena et al. (org.). *História Oral: desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, p.31-45, 2000.

MACHADO, Fábio Nunes. A centralidade do bairro de Neves no processo de industrialização (anos 1920-1940). In *1º Seminário Interno de História de São Gonçalo*, Rio de Janeiro, Laboratório de Pesquisa Histórica/FFP/UERJ, 2001.

MARTINS, Saul. *Folclore em Minas Gerais*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991.

PINTO, Joaquim Batista. *Alto Maranhão*. 13 de abril de 1931.

SOUZA, J. V. A. Devoções santeiras. In: *Inventário das Festas Religiosas dos*

Distritos de Ouro Preto. Belo Horizonte, 2007.

TRINDADE, José da Santíssima. *Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro e Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998.

- Entrevistas realizadas:

CONCEIÇÃO, Benigna Maria da. Alto Maranhão, Congonhas/MG, Brasil, 05 mai. 2012. Mp3, 50 minutos; 07 minutos. Entrevista concedida a Ester Santana da Conceição Cordeiro.

FONSECA, Adriana Santana Conceição. Alto Maranhão, Congonhas/MG, Brasil, 07 mai. 2012. Mp3, 39 minutos e 03 segundos; 09 minutos. Entrevista concedida a Ester Santana da Conceição Cordeiro.

PAULA, Rui Rodrigues de. Alto Maranhão, Congonhas/MG, Brasil, 05 mai. 2012. Mp3, 46 minutos e 27 segundos; 14 minutos. Entrevista concedida a Ester Santana da Conceição Cordeiro.

PINTO, Célia Cristina. Alto Maranhão, Congonhas/MG, Brasil, 17 jun. 2012. Mp3, 48 minutos e 02 segundos; 05 minutos. Entrevista concedida a Ester Santana da Conceição Cordeiro.

PINTO, Geraldo Pereira. Alto Maranhão, Congonhas/MG, Brasil, 17 jun. 2012. Mp3, 77 minutos e 16 segundos; 39 minutos. Entrevista concedida a Ester Santana da Conceição Cordeiro.

RESENDE, Maria Aparecida Resende. Conselheiro Lafaiete/MG, Brasil, 08 jun. 2012. Mp3, 27 minutos e 17 segundos; 21 minutos. Entrevista concedida a Ester Santana da Conceição Cordeiro.

TRISTÃO, Maria Natalina Pinto Tristão. Alto Maranhão, Congonhas/MG, Brasil, 05 mai. 2012. Mp3, 59 minutos; 29 minutos. Entrevista concedida a Ester Santana da Conceição Cordeiro.

5. ANEXOS

5.1. Origem Histórica da devoção a Nossa Senhora da Ajuda no distrito de Alto Maranhão (O que os velhos dizem)

Moravam no Córrego da Estiva José Redondo e Antônio Redondo, homens de alguns recursos, que resolveram fazer uma derrubada para o plantio de café. Fizeram suas lavouras de cafezais na beira do espigão por onde passava o caminho para Ouro Preto, antiga capital da província.

Mais tarde achando que o lugar era um alto muito saudável e querendo morar menos distante de suas lavouras, mudaram para lá com suas famílias. Pouco a pouco foram povoando o lugar com as casas, cafuas de capim, sem arruamento.

Desde o princípio deram a este lugar a denominação de “Povoação dos Redondos”, devido a seus primeiros moradores.

Entrando eles um dia nas matas, encontraram uma grotta com um pequeno charco e neste lugar acharam perfeitíssima imagem de Nossa Senhora, de estatura regular. Ficaram muito contentes. Trataram de esquadrinhar toda a mata para descobrir o mistério, quando chegaram à própria fonte.



Trilha que leva ao local onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora.

Fonte de Nossa Senhora da Ajuda Alto Maranhão, Congonhas.

Fonte: Acervo Pessoal Cristina Pinto. 2011.

Por serem portugueses de origem, deram à imagem a invocação de “Nossa Senhora da Ajuda”. Quando os homens começam de manhã o seu trabalho faziam o sinal da santa cruz e diziam: “Vamos com Nossa Senhora, que nos há de ajudar!”

Com grandes dificuldades fizeram logo uma capela, com paredes de paus a pique e barreadas para colocar ali a Santa e venerá-la com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, invocação que ficou até aos dias de hoje.

Depois de agasalhar a Santa na capela, trataram de venerar o lugar onde Ela apareceu. Com muito capricho fizeram ali um trabalho importante, quartos de paredes de pedra com molduras bem esculpidas, etc.

Com a grande fé daquela gente alcançava cada vez mais favores e bênçãos por intercessão da excelsa Mãe de Deus ali invocada e muitos ficavam curados, vinham famílias de longe em romarias e doentes e aleijados com grande fé tomar a água de fonte e banhar-se nos quartos construídos.

Com isso o arraial foi aumentando e cada vez mais iam se aperfeiçoando e embelezando as obras da fonte. Nos rostos veem-se ainda hoje em dia coisas verdadeiramente artísticas como: cruzeiro, coração com galhos em flor, custódia, etc.



Charco onde nasce a Fonte de Nossa Senhora da Ajuda. Alto Maranhão, Congonhas.
Fonte: Acervo Pessoal Cristina Pinto. 2011.

A própria fonte nasce uma grotta e forma uma espécie de bacia, incluída por três lados de um grande morro. Para baixo a água passa por uma vargem e vai escoando no Córrego da Estiva que distancia léguas.

A água da fonte não nasce de uma mina, é todo um charco e não se vê água a sair do morro, mas chega na boca uma quantidade suficiente. É sempre a mesma quantidade que não aumenta nem mingua e sempre muito fresca. A frente da fonte é um muro de pedras bem trabalhadas; um cano de bronze encostado em uma enorme pedra por onde sai a água; este cano tem um boca em cima da qual se vê o retrato dos “Olhos de Santa Luzia”.



Fonte de Nossa Senhora da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas.
Fonte: Acervo Pessoal Cristina Pinto. 2011.

Nos lados vêem-se os vestígios dos quartos de banho; este lugar é a 200 metros da Capela. As pedras de molduras existem ainda; mas algumas enterradas e outras servem de batedouro das lavadeiras. As pessoas mais antigas conheceram a fonte em grande animação; 10 metros à roda eram tudo ladeados de pedras aparelhadas; os quartos todos limpos e rebocados. Com o correr dos anos, porém, desapareceram estas belezas. Quando fazem limpeza do poço inferior, ainda se encontra o pavimento de pedra, conforme os antigos falavam.

A altura da bica é de um metro, mais ou menos. Nesta bica muitas pessoas vinham tomar “água milagrosa”. Há cinco anos, mais ou menos, Francisco Ribeiro sofrendo das vistas, resolveu ir a Queluz para consultar um médico. Em viagem para este lugar, lembrou-se do caminho da fonte de “Nossa Senhora da Ajuda”. Chegando neste arraial já de noite, disse a seu companheiro de viagem: “Vamos primeiro à fonte de Nossa Senhora. Estou resolvido ir à fonte e não vou a Queluz!” Pediram a uma pessoa para lhes mostrar a fonte. O homem foi com tanta fé, que chegando à bica lavou os olhos, encheu uma garrafa da água e voltou para sua casa, que era distante duas léguas mais ou menos; e ficou completamente curado.



Fonte de Nossa Senhora da Ajuda Alto Maranhão, Congonhas.
Fonte: Acervo Pessoal Cristina Pinto. 2011.

Outro caso: Miguelina de Tal, vindo do arraial de Remédios estava com uma enorme ferida na perna. Mandava seus netos todas as manhãs buscar água “milagrosa” e lavava a ferida. Tão grande foi sua fé que em pouco tempo ficou curada. É testemunha desta Graça seu filho José Gonçalves que reside neste arraial.

Há outros grandes milagres que deixo de narrar.

Onde existe a bela fonte, antigamente devia pertencer ao patrimônio; mas não posso afirmar por ser um prazo perto de 300 anos.

Onde existia a primeira Capela de paus a pique, o terreno é hoje pertencente ao senhor Antônio Donato; é cercado por três ruas e um beco. Às vezes com as águas das chuvas a terra desbarranca e aparecem os ossos dos cadáveres que foram sepultados naqueles antigos tempos.

Estes ossos já são reduzidos a quase nada. Neste terreno não pega plantação alguma.



Fonte de Nossa Senhora da Ajuda Alto Maranhão, Congonhas.
Fonte: Acervo Pessoal Cristina Pinto. 2011.

Passamos ao ponto de princípio da Capela atual.

O bandeirante Constantino de Castro Leite, ou (Constantino Leite da Silva) homem abastado, residia no lugar denominado “Ponte de Cima”, distante três quartas de légua; tinha grande escravaria. Andava com a ideia de mudar a Capela; mas os habitantes de então, fizeram oposição. Ele deixou correr o tempo e a Capela antiga foi ficando sem amparo, porque as finanças eram poucas pelo estado de pobreza do arraial. No fim do tempo Constantino mandou puxar pedras sem parar, dizendo sempre ao povo que ia fazer uma boa casa para ele.

Os habitantes nunca maliciaram o fim da boa obra e Constantino receando que os habitantes iam frustrar sua obra, começou os alicerces da atual Capela de noite e com as luzes de candeias de azeite, era muito grande o número de trabalhadores. A obra por ser feita de noite a toda pressa ficou muito mal feita, como se pode ver ainda hoje em dia.

Tocou o serviço até o ponto de trasladar a Imagem da Capela Velha para a nova.

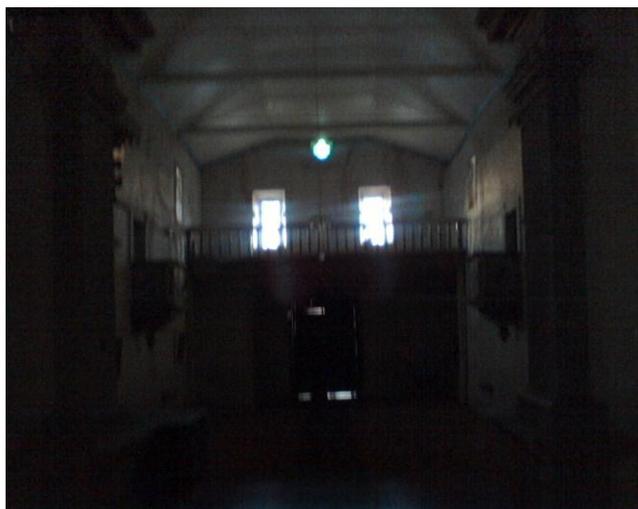
Esta nova Capela tem todas as paredes de pedra bem reforçadas com uma enorme sacristia, dois corredores bem espaçosos, quatro portas laterais e uma porta principal. Cinco altares, sendo quatro laterais e o altar mor, são de alta arte colonial e bem esculpidos, como se pode ver.



Fachada da Igreja Nossa Senhora da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas. Fonte: Foto Ester Cordeiro, 2012. Interior da Igreja Nossa Senhora da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas. S./d.

Fonte: <http://www.ferias.tur.br/fotogr/67258/altardaigrejansdaajuda-fotogeraldosalomao/altomaranhao/>.

A Capela tem oito janelas; o coro da Capela não tem janelas, mas só duas clarabóias. Lá estava a Capela, porém sem assoalho; as paredes sem reboque, o telhado sem embocamento, sem adro, sem forro!



Entrada principal e coro da capela de Nossa Senhora da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas. Foto: Ester Cordeiro. 2012.

Anos depois Constantino continuou o serviço em fazer as cruze se pirâmides de pedras, que ficam em cima da Capela. Fez a capela mor e acabou de rebocar as paredes por dentro. Deu também começo a fazer o adro; mas não o pôde acabar, que era sua intenção, por ter falecido por ocasião destes serviços.

Este bem feitor foi sepultado dentro da Capela que ainda não tinha assoalho debaixo do arco.

Pela morte do Constantino ficou tudo paralisado por bastante tempo até que enfrentou o serviço o Capitão Antônio Lobo Leite Teixeira, fazendeiro que morava na fazenda denominada “Vieira”. O capitão mandou fazer as portas e as janelas todas de almofadas madeiras de cedro como ainda existem algumas nas portas de dentro; uma cômoda grande com diversas gavetões, tosca madeira de cedro, que ainda serve para guardar objetos velhos.

Decorridos uns anos, aconteceu que a verga da porta principal quebrou, foi logo e imediatamente colocada outra que deu bastante que fazer. Isto se deu no ano de 1811, conforme a data cravada na mesma.

Depois o arraial foi levado a curato por carta régia do Conselheiro Santana, que era o Presidente da Província. Dizem que pelo mesmo Conselheiro Santana, mais tarde foi levado à freguesia de Nossa Senhora da Ajuda do Redondo; mas como o lugar era muito pobre, não dava para sustentar o Vigário e ficou anexo à freguesia de Congonhas do Campo até os dias de hoje. Este fato deve constar em um dos três lugares no arquivo de Mariana, no arquivo mineiro ou em São João Del Rei, hoje Tiradentes; porque naquele tempo a igreja era única ao Governo da Província. Neste tempo era o Padre Joaquim Gomes, que vinha todos os domingos celebrar a Santa Missa.

Nos anos seguintes vários vigários passaram pelo Arraial e fizeram benfeitorias na Capela.

Joaquim Batista Pinto – Alto Maranhão, 13 de abril de 1931.

5.1. Poema *Alto Maranhão* de Nardélio Fernandes Luz

Alto Maranhão

Conquanto pelo Brasil já tenha zanzado,
Nas Minas Gerais e qualquer outro confirm,
Foi um lugar pequenino que ficou marcado
E para sempre arraiga do dentro de mim.

Ao botar lá os pés fui tomado por tal surpresa
Que vertida em sensação de *já vou* sem igual,
Foi infligida por faustosa e absoluta certeza
De lá já ter vivido antes, numa era ancestral.

Vinha seguindo a habitual vida itinerante,
Sem qualquer vontade de buscar um norte,
E ao término de cada aventura frustrante,
Restava apenas o lamento por tal sorte.

Mas quando botei os olhos naquele lugarejo,
Com seus casarios e ruas pela chuva lavada,
Meu coração foi invadido por um novo ensejo
De edificar alicerce se findar minha jornada.

Em tudo ao redor reinava a simplicidade,
Desde os humildes às abastadas famílias.
Jamais tinha sentido tamanha felicidade,
Na vida recente ou na memória arredia.

Foram tempos pulcros e maravilhosos,
De passeios ao luar de dezembro a janeiro;
Das velhas histórias sobre pioneiros ditosos,
De boas amizades e um amor verdadeiro.

Lembro-me das Folias e da Santa Padroeira,
Cujas alcunhas é Nossa Senhora da Ajuda,
Achada numa gruta entre charcos e pedreira,
Que a todos abençoa da mais excelsa altura.

Ouvi histórias de um tal Bartolomeu Bueno,
Num retorno ao passado, ao rico ciclo do ouro;
Mas o que deveras extravasa o âmbito terreno,
É que no lugar é o povo o verdadeiro tesouro.

Naquele burgo modesto presenciei tamanha fé
Que arrebatou para sempre minha descrença,
E de um simpatizante convicto de São Tomé
Postei-me persuadido perante tal sapiência.

No adro de rochas lavradas a sangue e suor,
Rodeando a igreja por escravos edificada,
Ouvi histórias e lendas de um bem maior,
Traduzido nos milagres da Santificada.

O meu coração ainda hoje é prisioneiro,
Mas não das ruínas daquela velha cadeia;
E sim de uma menina de olhos matreiros,
Cujas recordações meu corpo incendeia.

Se quiseres conhecer o lugar do qual falo,
O tal que reconheci do longínquo passado,
Siga a velha Estrada Real até certo atalho
Que desemboca no mais verde dos prados.

Mas se preferir basta indagar e respondo,
Pois este lugares colhido pelo meu coração,
Que no pretérito fora “Arraial do Redondo”,
É nos dias de hoje o belo Alto Maranhão.

Nardélio Fernandes Luz

5.3. Indicações do roteiro de entrevista (com cerca de, no máximo, 30 minutos de duração)

- Qual o seu nome completo?
- Qual a sua idade?
- Qual o seu endereço?
- Onde você nasceu e seu criou?
- Desde quando você se envolve com os festejos de Nossa Senhora da Ajuda?
- Quais são as etapas da Festa? Como ela se desenvolve?
- Quem se envolve pelos festejos? Quem fica responsável pelo quê?
- A Festa sempre foi como é hoje? O que permaneceu e o que mudou na Festa? (Desenvolver bastante esta questão com o entrevistado)
- Existe algum episódio interessante que você se lembra ocorrido na Festa?
- Há pessoas que merecem ser lembradas pelo seu envolvimento com a Festa e com a comunidade?
- Você já teve algum milagre concedido por Nossa Senhora da Ajuda? Conte.
- Para finalizar, para você, o que representa a Festa de Nossa Senhora da

Ajuda da comunidade de Alto Maranhão no município de Congonhas?

5.4. Exemplo de uma das entrevistas realizadas

- Qual o seu nome completo?

Maria Aparecida Resende.

- Qual a sua idade?

50 anos.

- Qual o seu endereço?

Praça 7 de Setembro, nº 89, bairro Matriz, Congonhas, Minas Gerais.

- Onde você nasceu e seu criou?

Nasci em Jeceaba/MG e fui criada em Congonhas do Campo, já que mudei aos três anos de idade para cá.

- Desde quando você se envolve com os festejos de Nossa Senhora da Ajuda?

Tomei conhecimento da festa de Nossa Senhora da Ajuda aos cinco anos de idade, quando meus avós paternos já falavam das festividades e em especial da romaria que se fazia na madrugada do dia 14 para o dia 15 de agosto, dia máximo das festividades. Minha Avó, Maria Elisa Cordeiro era muito católica e assim fui crescendo vivenciando os momentos de rezas e festejos religiosos.

Somente no ano de 1972 iniciei a “famosa caminhada a pé”, saindo do bairro da Matriz em Congonhas até o distrito de Maranhão.

Saíamos em uma grande turma: crianças, jovens e adultos. Cada qual com uma promessa para cumprir em agradecimento e ou para realização de alguma graça.

Motivados pela fé, mas, nesse período, mais ainda pela turma e pela diversão do que pela devoção, coisa natural para os jovens da época, saíamos às quatro horas da manhã, às vezes pelas três e meia da manhã, para assim participarmos da primeira missa do grande dia.

Era uma grande comitiva, nós do bairro da Matriz, saíamos em passeata,

encontrando no meio da cidade com os fiéis mais antigos, os quais coordenavam a caminhada, até porque já realizavam esse hábito por mais tempo que nossa turma.

Íamos, papai, minha mãe, meu tio Walter, nossos vizinhos Wilson Ribeiro e Vó Anita Righ Pinheiro, (por afinidade), minha irmã Lelena Resende, colegas do bairro e alguns poucos colegas do Colégio Piedade, Sr. Eliezer (já idoso) e minha avó materna, a qual se encontrava conosco na divisa da sua Fazenda “Chacrinha”, um antigo matadouro, levando álcool para passarmos nas mãos e panos para limparmos os pés para a nossa chegada no “Alto do Maranhão”; não posso deixar de registrar ainda a participação dos namorados e hoje casal de avós: Matias e “São”, os quais participam das festividades até nos dias atuais.

Durante o trajeto rezávamos, cantávamos e também fazíamos lanches, ou seja, era o momento para saborearmos a broa de fubá de canjica, quebra-quebra, pão de queijo, bolo de milho, biscoito de polvilho café nas garrafas para não esfriar, todos eram feitos em casa, pelas mãos habilidosas de mães e avós dedicadas. Dona Naná Junqueira era nossa coordenadora de trajeto e quando estávamos quase chegando, parávamos nas ruínas de uma antiga cadeia e, ali fazíamos os retoques: retirada da poeira das roupas, penteávamos os cabelos, limpávamos os sapatos e mãos, assim então, preparados para participarmos da santa missa.

Dona Naná dizia-nos que assim também faziam os seus pais, portanto, a caminhada para a festa já era um hábito antigo.

Interessante lembrar que, durante o trajeto, encontrávamos pessoas caminhando descalças, algumas recitando o terço e ou mudas, ou seja, não podiam se comunicar ao longo da caminhada. Também fazíamos isso. Tratava-se de uma promessa a ser cumprida durante a caminhada.

- Quais são as etapas da Festa? Como ela se desenvolve?

Atualmente, não sei como se desenvolve.

Na década de setenta até a década de noventa, a festa se resumia numa novena preparatória, mas o maior festejo acontecia na véspera com recitação do terço e missa, sendo que no dia 15/08, havia a missa solene seguida de uma procissão com a imagem sendo carregada pelo fiéis, era belíssimo de ser ver, a

humildade e fé juntas num só momento de reflexão, oração e penitência.

Hoje em dia não sei como se realiza, visto que o último ano que participei dos festejos foi em 1992.

- Quem se envolve pelos festejos? Quem fica responsável pelo quê?

Está pergunta poderia ser respondida pelo pároco local e pelos organizadores.

Anteriormente, quem era o responsável pela festa era o pároco da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, acompanhados pelos festeiros locais, citando como um dos colaboradores o Senhor Geraldo Pinto, morador do lugarejo. Posteriormente à instituição da Matriz de São José, a responsabilidade de organização da festa passou para a paróquia de São José, assistidos pela comunidade local.

- A Festa sempre foi como é hoje? O que permaneceu e o que mudou na Festa?

Acredito que não. Uma questão que vale ressaltar está relacionada aos costumes dos fiéis, que hoje, são bem diferentes de outros tempos...

Muitos dos antigos moradores migraram para Conselheiro Lafaiete, Congonhas, ou outras cidades, tantos outros faleceram, muitos dos jovens daquela época, hoje, adultos, já não realizam a tradicional caminhada.

Sei de algumas pessoas que continuam a caminhada, porém são poucas. Até porque, são mais e vários os meios de transporte.

Hoje, muitas são as barraquinhas e a maioria participa dos festejos culturais, do que os religiosos.

O ponto da parada para o embelezamento, segundo depoimento de alguns, já não mais existe.

- Existe algum episódio interessante que você se lembra ocorrido na Festa?

Adorava ouvir a banda tocar, ou seja, a Corporação Musical Santa Cecília de Conselheiro Lafaiete, era um encanto só. Comprar ioiô também era divertidíssimo.

Nos anos que participei da festa eram poucas as barraquinhas e poucas as

novidades. Mas houve um fato muito triste, uma fatalidade. Jovens que "pegaram carona" e com o acidente, faleceram quando voltavam da festa.

Os momentos que mais me lembro, são os momentos alegres da caminhada, dos preparativos para a saída na madrugada como também da preparação dos lanches, dos encontros e conversas com os amigos no trajeto, era divertido.

- Há pessoas que merecem ser lembradas pelo seu envolvimento com a Festa e com a comunidade?

Para mim, sim. Não tanto pelas pessoas da comunidade do Alto Maranhão, pois, não as conhecia, mas vale ressaltar do senhor Geraldo, morador local e da senhora que cuidava da limpeza da Igreja. Da caminhada até ao Maranhão, vale lembrar de dona Naná Freitas Junqueira, dona Filhinha Freitas(sua irmã), bem como dos Padres: Anselmo, Virgílio, Mário Gonçalves, Henrique Silvino Alves, Geraldo Leocádio.

- Você já teve algum milagre concedido por Nossa Senhora da Ajuda? Conte.

Muitas foram as graças, uma doença que teve cura, pela saúde de minha família, para ajudar numa prova da escola (pedidos de jovens), um agradecimento pelo dom da vida e pela disposição de caminhar, entre outras tantas graças.

- Para finalizar, para você, o que representa a Festa de Nossa Senhora da Ajuda da comunidade de Alto Maranhão no município de Congonhas?

Representa humildade, a fé, a crença de que unidos podemos mais.

A festa tornava-se um momento de troca de experiências e de confiança um no outro.

Combinar, arrumar, preparar, caminhar... Rezar, sorrir, prometer e cumprir eram verbos que se intensificavam nas nossas ações nesse período preparatório para a festa de Nossa Senhora da Ajuda do Alto do Maranhão.
